



**PREFEITURA DE SÃO LUÍS**  
 Instituto da Cidade Pesquisa e Planejamento Urbano e Rural - INCID

## **DINÂMICA HISTÓRICA E URBANA DE SÃO LUÍS**

Edlucy Costa<sup>1</sup>

Fortunato Zago<sup>2</sup>

A fundação de São Luís no século XVII aconteceu num momento em que as grandes potências européias disputavam o domínio do mundo. Os franceses chegaram à região depois de uma frustrada tentativa de estabelecimento onde hoje está situada a cidade do Rio de Janeiro. A França Equinocial, empreendimento colonizador que reunia a iniciativa privada e o Estado francês, trouxe as disputas mercantilistas para a ilha de *Upaon-Açu*, território português fruto da partilha de Tordesilhas.

Depois de liderar a vitória contra os franceses em Guaxenduba, o português Jerônimo de Albuquerque assumiu o controle do território reconquistado. O processo de ocupação efetiva e de colonização do território pelos portugueses foi conduzido de maneira a dominar os grupos indígenas estabelecidos na Ilha.

*Em pouco tempo construíram várias cabanas (...) de um e dois andares, e mais um grande armazém para o qual transportaram, eles próprios, toda a carga de nossos navios. E com auxílio dos franceses acharam jeito de montar no forte, embora fosse muito alto, vinte canhões grandes para a defesa.*

*Junto ao forte há uma grande praça, tão cômoda quão admirável. Nela se encontram belas fontes e regatos, que são a alma de uma cidade, existindo também todas as comodidades desejadas, como serem paus, pedras, barro e outros materiais que tornam a construção barata. (D'ABBEVILLE, 1975, p.58).*

A cidade – cuja autoria da fundação provoca controvérsias – teve sua origem na esplanada que hoje se denomina Avenida Dom Pedro II. A partir daí, expandiu-se dando origem ao núcleo urbano hoje denominado Centro Antigo e imediações, permanecendo com esses limites até o final do século XIX.

O período que se seguiu ao início da colonização foi marcado por dois confrontos entre grupos rivais. O primeiro foi o choque entre colonos e jesuítas pelo controle da mão de obra dos grupos indígenas. Os índios eram fundamentais para os colonos, tanto na

derrubada do mato e na plantação da roça, quanto nos deslocamentos para o interior da ilha e do continente. Mas eram úteis também para os interesses dos jesuítas, que necessitavam de mão de obra e guias que conhecessem bem os caminhos do sertão, e o confronto entre as partes foi inevitável.

O outro confronto ocorrido no período foi entre os colonos e os reinóis (os portugueses radicados na colônia), quando da criação da Companhia de Comércio do Maranhão e Grão-Pará, um estanco (monopólio da coroa portuguesa) que subordinava o comércio do Maranhão aos interesses da companhia. A crise culminou com a deflagração da revolta comandada pelos Beckman. O movimento foi sufocado “de forma exemplar”, mas o monopólio foi abolido.

Na segunda metade do século XVIII ascendeu ao trono português D.José I e seu superministro Marquês de Pombal, que deu uma guinada na política externa lusitana. O Maranhão, que viveu longo período de estagnação econômica, foi então inserido nos quadros do antigo sistema colonial, a partir criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão.

*[...] Até a década do século XVIII a área urbana se projeta, a partir do núcleo inicial localizado próximo ao Forte e ao Cais, em direção ao Largo do Carmo. A seguir o povoamento se dá no sentido Carmo-Desterro, atraídos pelo Convento das Mercês e pela Fonte das Pedras. Mais tarde, a ocupação se orienta para o bairro do Egito, Rua do Ribeirão e cercanias da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (...) Já no final do século, o povoamento se expande em diversas direções: ganha o rumo do Convento de Santo Antonio e Remédios e também o da Igreja de São Pantaleão e outras áreas já razoavelmente afastadas da que abrigava os primeiros prédios[...]. (MOTA; MANTOVANI, 1988, p.21).*

**TABELA 1 - POPULAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS NO FINAL DO PERÍODO COLONIAL**

CIDADE	POPULAÇÃO
Rio de Janeiro	50.144
Bahia	45.600
Recife	30.000
São Luís	22.000
São Paulo	16.000

Fonte: MOTA, op.cit.p.28

No século XIX, São Luís já fazia parte do sistema agro-exportador colonial e era um dos mais importantes centros urbanos da América Portuguesa. Muitos comerciantes portugueses se transferiram para a cidade, enriquecida pelo tráfico de escravos e pela exportação de algodão. Durante a guerra de independência dos Estados Unidos, o algodão escoado por São Luís ajudou a manter os teares ingleses funcionando por um bom tempo. Com a crescente importância social e econômica dos portugueses em São Luís, o processo de adesão do Maranhão à independência do Brasil foi longo e doloroso. Comerciantes a favor dos portugueses de um lado, latifundiários a favor da independência de outro, foi assim que se dividiu a elite local.

O Maranhão ficou politicamente dividido e a economia entrou em declínio. A estagnação perdurou durante o império, provocando revoltas, como a Setembrada e a Balaiada, esta com forte teor social. Exceção foi o período da guerra civil nos Estados Unidos, que abriu novamente o caminho para a exportação de algodão para a Inglaterra.

A passagem do Brasil do século XIX para o século XX significou a transição do modelo imperial para o modelo republicano, e todas as transformações daí decorrentes: a laicização do Estado, abolição da escravidão, a descentralização política, o registro civil.

São Luís, de marcante influência portuguesa, imperial e escravista, iniciou seu declínio frente aos outros grandes centros urbanos do Brasil. Sofreu com turbulências políticas e perda de importância econômica. O ocaso da cidade coincidiu com a transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado e com a formação dos grupos oligárquicos que doravante controlariam o estado, mantendo o centro das decisões na capital.

Atividades como a manufatura algodoeira e o beneficiamento de arroz, açúcar e óleo de babaçu sustentaram a economia, mas não impediram o empobrecimento de grande parte da população.

### **São Luís no início do século XX**

*Está dividida em três freguesias: Nossa Senhora da Vitória, Conceição e São João (...) É sede de um bispado e de um superior tribunal de justiça(...)*

*Seus edifícios, se não primam pela beleza da arquitetura, conquanto muito modificados já, de 1904 para cá, recomenda-se, todavia, pela solidez da construção.*

*Conta a cidade pelo último lançamento (...) 6.000 casas habitadas, não incluídas nessa cifra cerca de 1.000, derramadas por diversos lugares nas proximidades da Estação. Cemitério, etc, mas compreendidas, todas, no perímetro da capital. (AMARAL, 2008, p.101).*

Com uma situação política e econômica parecida com grande parte dos estados brasileiros, o Maranhão sofria com o poderio desproporcional de São Paulo e Minas Gerais. As políticas de valorização do café não serviam para a prosperidade das regiões mais distantes do poder central. O descontentamento dos estados periféricos e o rompimento da “política do café-com-leite” desaguaram num movimento revolucionário comandado por Getúlio Vargas.

A Revolução de 30 trouxe para o Maranhão um novo personagem, o pernambucano Vitorino Freire, homem de confiança de Vargas e mais tarde, de Eurico Gaspar Dutra. Depois de alguns anos fora, retornou ao Maranhão na década de 1940, a fim de articular a campanha do candidato a presidente, Eurico Gaspar Dutra, seu amigo pessoal. É nessa década que Vitorino monta a sua trajetória rumo ao poder, exercido até meados da década de 60, quando José Sarney assumiu o controle do Estado. Vitorino obteve uma consagrada vitória em 1945, elegendo os dois senadores do Estado e a quase totalidade da bancada federal, dando mostras do poder que exercia. Controlava a justiça, a política, as repartições. Nomeava delegados de polícia, procuradores; elegia governadores, parlamentares.

Nos anos 30 e 40 do século XX, as transformações econômicas geradas pela perda da atividade agro-exportadora e estagnação do crescimento das atividades fabris repercutiram na ocupação espacial da cidade. A população de renda mais elevada, obrigada também a cumprir exigências da legislação sanitária em vigor - na qual os antigos casarões não se enquadravam - deslocou-se do Centro Antigo para um novo bairro, o Monte Castelo, localizado ao longo da Avenida Getúlio Vargas, principal via de expansão da malha viária em direção aos bairros operários. O esvaziamento da área central gerou desvalorização dos imóveis e a ocupação dos mesmos pela população de baixa renda.

O final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, significou o triunfo da democracia sobre o fascismo, e o modelo do Estado Novo, concebido por Vargas, ruiu.

Na década de 1950, com o país redemocratizado, muitas intervenções urbanas ocorreram em São Luís e decorreram de investimentos regionais, principalmente a implantação de rodovias e ferrovias que ligavam a capital a outras cidades do interior e de outros estados. A cidade se transformou num pólo atrativo às populações do interior do estado. A partir daí se observou forte crescimento do contingente populacional de São Luís, contribuindo para elevação do número das ocupações habitacionais na capital. Tais

ocupações foram, algumas vezes, induzidas e monitoradas pelo poder público municipal ou estadual, outras tantas realizadas de maneira clandestina. A cidade se expandiu com pouca ou nenhuma infraestrutura e muitas vezes em áreas de interesse ambiental ou de grande risco, como encostas de morros, várzeas e mangues.

Ao mesmo tempo, São Luís fervilhava. As lutas políticas entre membros da elite acabaram envolvendo diversos setores organizados da sociedade. Os confrontos culminaram com a Greve de 51 e um de seus mais terríveis desdobramentos, a queima das casas humildes, que espalhou terror e trocas de acusações entre os chefes locais.

#### **Notícias sobre a Greve de 51 em São Luís**

*...Desse tiroteio, que durou cerca de 15 minutos, resultaram um morto e 10 feridos, apresentando um deles perfuração do fígado por bala de fuzil. O morto, que se chama João Evangelista, era um popular muito conhecido pelo seu entusiasmo pelo Sr. Ademar de Barros, foi atingido na nuca, também por bala de fuzil. Era esse o balanço trágico até as primeiras horas do dia. Acaba, contudo, este correspondente de ser informado de que o ferido grave já faleceu. Trata-se igualmente de um popular, chamando-se ele Wilson Sousa.*

*Deve esclarecer-se que não pararam aí as violências policiais. Já se dispersava o povo, a caminho de suas residências, quando novo conflito estourou, sendo a multidão novamente tiroteada. É possível que o tumulto fosse aqui ainda maior, visto o fato ter ocorrido em plena noite e de encontrar-se a cidade totalmente às escuras, só muito mais tarde sendo restabelecida a ligação de luz. Nessa ocasião, realizava-se um jantar íntimo na residência do Sr. Saturnino Belo, oferecido ao governador paulista, sendo interrompido em virtude dos novos acontecimentos.*

*Folha da Noite, sexta-feira, 4 de agosto de 1951*

*A militante comunista Maria Aragão foi presa e enquadrada na Lei de Segurança Nacional sob a acusação de fomentar incêndios; sem culpa formalizada, a médica permaneceu presa entre 5 de outubro e o Natal de 1951, pois foi a única excluída da anistia dada pelo governador aos opositoristas após o término da greve. Em suas memórias, a líder do PCB narrou a discussão com o chefe de polícia por ocasião da prisão: “Ele disse que eu estava tocando fogo nas casas e eu o desmoralizei, dizendo que todo mundo sabia ser o governo que mandava fazer isso, como forma de vingança contra a greve e contra o repúdio que o povo lhe devotava”. (...)*

*Jornal Pequeno, edição 22820, de 14 de dezembro de 2008*

Em 1966, o governo do Estado lançou um plano conhecido como “Maranhão Novo”, cujo principal objetivo era integrar o Maranhão ao processo desenvolvimentista da sociedade que aos poucos se consolidava. A ampliação e a melhoria da infra-estrutura de ferrovias e rodovias, a falta de oportunidades no interior, a concentração fundiária e as

perspectivas de grandes projetos industriais como Alumar, Vale, Codomar e Usimar, contribuíram para o aumento do êxodo rural.

A implantação dos grandes projetos industriais, no entanto, exigiu mão de obra com um padrão mínimo de qualificação profissional, situação em que a maioria vinda do campo não se encaixava, aumentando assim o número de desempregados na capital. Esse quadro que ficou visível na São Luís de então foi o mesmo que ocorreu nas demais cidades que viveram a experiência da industrialização, atraindo massas populares do interior, sem condições satisfatórias de acomodação adequada nas cidades, aumentando progressivamente a degradação urbana.

Para esta massa de trabalhadores sem qualificação profissional a única possibilidade era a ocupação na informalidade no setor de comércio ou da construção civil. O novo contingente populacional da cidade gerou a expansão das áreas periféricas e a proliferação de ocupações habitacionais de todos os tipos.

A partir de então, a aparência de São Luís foi se alterando com a implantação de diversos projetos de infraestrutura. As principais mudanças na mancha urbana aconteceram a sudoeste e ao norte, induzidas pela construção de obras como a barragem do Bacanga, que facilitou a ocupação dos bairros da área Itaqui-Bacanga e a Ponte do São Francisco que facilitou a ocupação e expansão dos bairros do São Francisco e Renascença, localizados na faixa litorânea, próximos às praias. Os conjuntos habitacionais também modificaram consideravelmente essa mancha urbana. Localizados em áreas afastadas do tradicional centro residencial e comercial, foram deixando vazios urbanos propícios a novas ocupações, além de atraírem para suas imediações e periferias ocupações irregulares e sem infraestrutura.

Ao lado das mudanças patrocinadas pelo poder público, continuou a proliferação de ocupações habitacionais clandestinas no território municipal. A tabela abaixo apresenta um exemplo de tais ocupações:

**Tabela 2 - OCUPAÇÕES HABITACIONAIS ESPONTÂNEA - SÃO LUIS 1960/1970**

OCUPAÇÃO	DATA DA OCUPAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS
Sá Viana	1961	1.200
Redenção	1966	600
Santa Cruz	1967	2.000

Coroado	1969	1.000
Vila Palmeira	1969	4.000
Vila Nova	1972	1.000
Coroadinho	1977	3.000

Fonte: Luz (2004)

Até o início da década de 1970, as ocupações concentravam-se nas proximidades dos rios Anil e Bacanga, não se estendendo muito além dos arredores do centro. Posteriormente, outras localidades passaram a ser palco desse processo, formando áreas com ampla concentração de população carente, como é o caso do Itaqui-Bacanga, assim conhecido após a inauguração oficial do Porto do Itaqui em 1971. Nessa área houve uma concentração de população oriunda, principalmente, de municípios da Baixada Maranhense.

A tabela a seguir mostra que grandes áreas de expansão da cidade foram ocupadas no decorrer dos anos 1980.

**Tabela 3 - NOVOS BAIRROS DE SÃO LUÍS NA DÉCADA DE 1980**

<b>BAIRRO</b>	<b>ANO DA OCUPAÇÃO</b>
Vera Cruz	1980
São Bernardo	1981
João de Deus	1981
Bom Jesus	1982
Vila Itamar	1983
Vila Mauro Fecury	1986

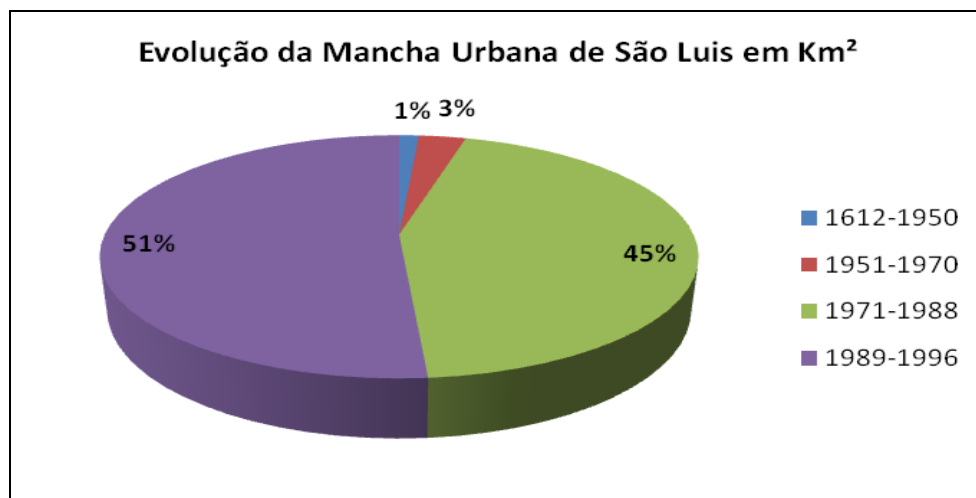
Fonte: Luz (2004)

Uma característica a ser destacada neste período foi o avanço da arquitetura vertical, residencial e comercial, principalmente nos bairros do São Francisco e Renascença, que foram se transformando em um novo pólo comercial e residencial.

Nos anos 90 se intensificaram as ocupações clandestinas, invadindo as periferias, ao ponto de adentrar em terras muitas vezes de propriedade privada, ocasionando conflitos.

O gráfico 01 mostra como a área urbana de São Luis aumentou consideravelmente na década e 1970 e 1980.

**Gráfico 1**



Fonte: COSTA: 2008, a partir de dados da tabela São Luis: Crescimento Horizontal (1612-1996), FERREIRA: 1999.

Na aurora do século XXI, São Luís configura-se como uma estrutura policêntrica, decorrente do surgimento de outros pólos comerciais e residenciais e da valorização de bairros mais afastados do Centro Antigo.

Nos últimos anos, a cidade vem passando por acelerado adensamento habitacional, com ocupação de vazios urbanos através da implantação de condomínios residenciais e verticais a norte e a nordeste do território.

Esta é a São Luís com 400 anos. Surgiu com os barracões erguidos pelos tupinambás e evoluiu até as avenidas asfaltadas e edifícios de aço e vidro que caracterizam as grandes sociedades urbanas contemporâneas.



- (1) Edlucy Costa e Costa – é arquiteta e urbanista / mestre em Urbanismo
- (2) José Fortunato Zago Filho é historiador, coordenador de Pesquisa do Incid

## REFERÊNCIAS

ABREU, Nilson Tavares Pereira de. **Da roça à palafita: As ocupações urbanas em São Luís como desdobramento do êxodo rural (1970 – 2000)**. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2006.

ACIOLY, Claudio; DAVIDSON, Forbes. **Densidade urbana: Um instrumento de planejamento e gestão urbana**. Rio de Janeiro: MAUAD, 1998.

AMARAL, José Ribeiro do. **Fundação do Maranhão**. São Luís: Eduema, 2008, p.101.

BURNETT, Frederico Lago. **Urbanização e desenvolvimento sustentável: a sustentabilidade dos tipos de urbanização na cidade de São Luís do Maranhão**. São Luís: UEMA, 2008.

CALDEIRA, Jorge. **A nação mercantilista**. São Paulo: Editora 34, 1999.

CALDEIRA, José de Ribamar. **Dois estudos: os discursos de Japi-açu e de Momboré-uaçu e Vadiagem no Maranhão, 1800-1859**. São Luís: EDUFMA, 1994.

CARVALHO, Helano Alves de. **O processo de ocupação da área de invasão: Cidade Olímpica – São Luis/MA**. São Luís: CaGEO - UFMA, 1999.

D'ABBEVILLE, Claude. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1975.

DAHER, Andrea. **O Brasil francês: As Singularidades da França Equinocial 1612-1615**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ESPÍRITO SANTO, José Marcelo (org.). **São Luís: uma leitura da cidade**. São Luís: Instituto da Cidade, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA JUNIOR, José de Ribamar. **A arena da palavra: Parlamentarismo em debate na imprensa maranhense 1961-1963**. São Paulo: Annablume, 1988.

FERRARI, Celson. **Dicionário de urbanismo**. São Paulo: Disal, 1ª ed., 2004.

GAIOSO, Raimundo José de Sousa. **Compêndio Histórico-Político dos Princípios da Lavoura no Maranhão**. Imperatriz: Ética, 2008.

GISTELINK, Frans. **Carajás usinas e favelas**. São Luís: Minerva, 1988.

GODÓIS, Barbosa de. **História do Maranhão**. 2. ed. São Luís: AML/EDUEMA, 2008.

GOMES, Mércio Pereira. **O Índio na História: O povo Tenetehara em busca da liberdade**. Petrópolis, Rj: Ed. Vozes, 2002.

GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA. **Mapas Históricos Brasileiros**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

LACROIX, Maria de L. Lauande. **A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos**. São Luís: EDUEMA, 2008.

LAGO, Antônio B. Pereira do. **Estatística Histórico-Geográfica da Província do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

LIMA, Carlos. **História do Maranhão**. São Luís: Sioge, 1981.

LOPES, Jose Antonio Viana Lopes (2008). São Luis: história urbana. In: LOPES, Jose Antonio Viana Lopes. **São Luis Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem**. São Luis: Prefeitura Municipal de São Luís, 2008, pp. 11-49.

LOPES, Raimundo. **Uma Região Tropical**. Rio de Janeiro: Fon Fon e Seleta, 1970.

LISBOA, João Francisco. **Jornal de Tímon II**. Brasília: Editora Alhambra, v.2.

LUZ, Josinaldo Santos da. **Lutas por Moradia e Expansão do Espaço Urbano na Cidade de São Luís** (Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Políticas Públicas). São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2004.

MACHADO, André Roberto. Cosme Bento. In: **Coleções Caros Amigos: Rebeldes Brasileiros – Homens e Mulheres que desafiaram o Poder**. São Paulo: Casa Amarela Editora (Fascículo 4), p. 114-127.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. 3. ed. Revista e Ampliada. São Luís: AML, 2008.

MEIRELES, Mário. **Dez Estudos Históricos**. São Luís: Alumar, 1994.

MELO, Maria Cristina Pereira. **O Bater dos Panos**. São Luís: Sioge, 1990.

MORAES, Nascimento. **Vencidos e Degenerados**. São Luís: Lithograf, 2000.

MOTA, Antonia da silva e MANTOVANI, José Dervil. **São Luis do Maranhão no Século XVIII: a Construção do Espaço Público sob a Lei das Semarias**. São Luís: Func, 1988.

MOTA, Antônia da Silva. **Família e Fortuna no Maranhão Colônia**. São Luís: EDUFMA, 2006.

LISBOA, João Francisco. **Obras**. v.IV. 3ª ed. São Luís: ALUMAR, 1991. (Coleção documentos maranhenses)

PAXECO, Ivan. **O Maranhão: Subsídios Históricos e Corográficos**. São Luis: Associação Comercial do Maranhão, 2ª ed., 1998.

CIMI. **Povos Indígenas do Maranhão: exemplo de resistência**. São Luís: Conselho Indigenista Missionário, 1988.

RIBEIRO, Francisco de Paula. **Memória dos sertões maranhenses**. São Paulo: Siciliano, 2002.

RIBEIRO, Jalila Ayoub Jorge. **A desagregação do sistema escravista no Maranhão**. São Luís, Sioge, 1990.

RIBEIRO JUNIOR, José Reinaldo Barros. **Formação do espaço urbano de São Luís: 1612-1991**. São Luís: FUNC, 2001.

RIBEIRO, Joana Bispo. **Pobreza urbana e sua relação com a segregação sócio-espacial em São Luis: a ocupação d Cidade Olímpica**. São Luis: CaGEO - UFMA, 2003.

SANTOS NETO, Manoel. **O Negro no Maranhão**. São Luís: Clara Comunicação e Editora Ltda, 2004.

SILVEIRA, Simão Estácio da. **Relação Sumária das Cousas do Maranhão**. São Paulo: Editora Siciliano, 2001.

SCHUMAHER, Shuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 Ate a Atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SPIX, Johann Baptist von ; MARTIUS, Carl Friedrich Phillipp von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. São Paulo: Melhoramentos/IHGB/MEC, 1976. v. 2.

#### **SITES CONSULTADOS**

<http://www.ibge.gov.br/home/>: acessado em setembro de 2008.